

## PIONEIROS DO ENSINO SUPERIOR NO RECÔNCAVO BAIANO: FLÁVIO DIAS DOS SANTOS CORREIA

No quadro de entrevista deste número<sup>1</sup>, o professor Flavão. Hoje o conhecido Prof<sup>o</sup>. das Disciplinas de Contabilidade da Faculdade de Administração, um dos fundadores desta escola como um todo. Graduado em Ciências Contábeis com Mestrado na mesma área pela Fundação Visconde de Cairú, em Salvador/BA. Prof.<sup>o</sup> Flavão foi, a princípio responsável pelo Setor de Contabilidade da escola, no começo da década de 1980, professor das disciplinas de Técnicas Comerciais e Educação Física no Ensino Fundamental e um dos fundadores do Curso Técnico de Contabilidade, onde lecionava todas as disciplinas específicas deste curso. Sua atuação foi essencial para a qualidade do ensino nesta escola, bem como para a ascensão da mesma dentro do Recôncavo da Bahia, apenas demonstrando que a sua determinação de crescimento próprio é espalhada por onde atua como pessoa e como profissional. Como educador, atuou através de concurso público na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, e hoje também está presente de forma efetiva na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como docente na graduação de Ciências Contábeis.

**REVISTA FORMADORES:** Professor Flávio, fique à vontade pra contar a sua história de lutas acadêmicas até os dias de hoje.

**PROF. FLÁVIO:** Meu nome é Flávio Dias dos Santos Correia. Eu nasci em 27 de março de 1953, em Vitória da Conquista, na roça, numa fazenda chamada Fazenda Quatis.

Meu pai, Clemente Correia Santos, vulgo Quelezin, agricultor, eu segundo filho do casal. Minha primeira professora foi minha mãe, Jesuína Dias dos Santos Correia, vulgo Nazinha. Ela foi minha professora de alfabetização, foi minha professora de 1º ano e no 2º ano eu fui estudar na escola da vila. Tinha uma vila próxima, quatro quilômetros, mais ou menos. Então eu nasci e meu criei ali até 1963, quando eu fui pra Vitória da Conquista. Aí que eu fui viver vida de cidade, até então eu vivia aquela vida da roça. Meu pai agricultor tinha uma fazenda bem pequena, era pobre e nós vivemos ali.

Meus irmãos são onze. Eu sou o segundo do casal. Nós somos doze. E a nossa trajetória foi mesmo assim: nascíamos na roça, ficávamos lá até certo tempo e vínhamos pra cidade, porque meu pai desde cedo dedicou e incentivou muito a questão do estudo. Ele entendia que nós só tínhamos uma saída: estudar. E isso era o que nós ouvíamos diariamente. Daí a nossa trajetória de vida e chegar até agora como pessoa.

Naquela época lá na roça aconteceu o seguinte: nascido em 1953, eu me lembro que em 1958 eu fazia aquelas cópias, ditados. Ora! Eu tinha cinco anos de idade e desde os três anos eu comecei a me deparar com o ABC, cartilhas, essas coisas todas. E aos cinco anos de idade eu já escrevia. Minha

<sup>1</sup> Esta entrevista foi realizada pela professora Edith Lemos Ornellas dos Santos, graduada em Administração, professora de desenvolvimento regional e sustentabilidade, gestão de pessoas no curso de Administração da Faculdade Adventista da Bahia, e-mail: e.ornellas@atarde.com.br

mãe ali, além de nós da casa, ela alfabetizava também a garotada da região. Nós trabalhávamos na roça, trabalhávamos com gado e estudávamos. Até que em 1962 eu fui estudar na vila próxima. Aí era uma caminhada todos os dias. E meu pai era tão incentivador aos estudos que ele fez um contrato com a professora da vila. Ele disse: “Olha, eles vão estudar pela manhã, mas será que dá pra eles virem pela tarde pra estudarem mais ainda?”. Nós andávamos de manhã quatro quilômetros até a escola da vila, voltávamos pra almoçar, voltávamos à tarde pra escola e vínhamos novamente pra dormir. Era essa a trajetória, o ano inteiro assim.

Mas o tempo foi passando e eu, naquela época fiz o exame de admissão (para o ginásio), no final de 1964. Mas perdi o exame de admissão, porque eu não gostava muito de estudar. Voltei e fiz novamente a 4ª série primária, então tirei em 1º lugar no fim do ano e ganhei presente. Isso me animou. Daí em diante eu me animei pros estudos e acabou a idéia fixa de voltar pra roça. Entrei no ginásio, passava sem fazer provas finais. Era uma beleza. Aí eu comecei também a trabalhar um pouco e isso me animou muito, porque eu ia vender jornal, e tinha um dinheirinho que dava pra comprar sabonete e eu já andava cheiroso (risos), dava pra eu ir ao cinema e aí eu já sabia o que era cinema. Dava pra comprar uma roupa bonita. Então, trabalhei como engraxate, como vendedor de jornal, fui auxiliar de sapateiro batendo sola, fui auxiliar de alfaiate e aí eu aprendi a fazer calça e vendi uma vaca que eu tinha na roça e comprei uma máquina alemã da marca Faf e me tornei alfaiate.

Já em Salvador, fiz um concurso na TEBASA, Telefones da Bahia S/A, que posteriormente passou a ser chamada TELEBAHIA. Passei e fui ser escriturário na TEBASA. Após algum tempo, na TELEBAHIA, eu fui trabalhar no Departamento de Pessoal, no Recursos Humanos. Naquele momento, era eu quem aplicava as provas pra todo aquele pessoal, todos os níveis que vinham fazer concurso. Era eu quem aplicava as provas, eu quem corrigia as provas, eu quem re-elaborava provas. Com isso, eu aumentei muito o meu conhecimento básico, de 1º e 2º grau, especialmente em matemática, português, que eram as provas básicas que caíam. Com isso eu me animei e fiz o vestibular de novo e aí passei. Passei no vestibular pra Ciências Contábeis na Cairú e passei também num concurso interno da TELEBAHIA pra a função de assistente administrativo. Aí o salário iria triplicar. Mas como eu entrei na faculdade de Ciências Contábeis antes de ser alocado na nova função, eu pedi demissão pra trabalhar num escritório de contabilidade. E aí começa a minha vida de contabilidade. Daí em diante eu só via contabilidade na minha frente.

Com isso, ao findar o ano de 1975, que durante o mesmo foi que eu fiz o 1º ano de Ciências Contábeis na Cairú, eu que já tinha freqüentado a Igreja Adventista do 7º Dia lá em Vitória da Conquista, resolvi novamente voltar pra igreja. Nesse momento, eu tive de presente o desemprego, por quê? Porque como adventista eu não trabalharia mais aos sábados. Mas durante o período que eu fiquei desempregado eu não parei de trabalhar. Eu fui vender livros, ou seja, *colportar* ali na cidade mesmo. E como eu nessa função eu não ganhava muito, entrei no Crédito Educativo pra pagarem a minha faculdade, e fui viver normalmente: estudar e trabalhava vendendo livros. Logo depois fui convidado para ser gerente

da livraria central da Igreja Adventista, que era o Serviço Educacional Lar e Saúde – SELS, me empregando novamente. E ali não tinha problema de sábado, por ser uma instituição da igreja, ali também eu fui fazer a contabilidade do SELS.

A organização, ao término do ano de 1976, achou por bem pagar a minha faculdade, onde eu dei baixa no crédito educativo e fui trabalhar e já tinha agora a minha faculdade sendo paga pela organização aonde eu trabalhava. Melhorou bastante pra mim isso aí.

Daí em diante, eu inventei casar, já estava numa situação mais ou menos. Terminei o meu curso de Ciências Contábeis na Cairú, me inscrevi no CRC (Conselho Regional de Contabilidade), aí eu era Contador.

Neste momento eu fui chamado para ser o Contador de um colégio que estava sendo fundado em Cachoeira, na Bahia. Do colégio só tinha a fazenda e as construções começando a surgir, aí eu vim pra ser o Contador. Foi uma experiência enorme pra mim, porque nós não tínhamos no colégio infraestrutura nenhuma. (...) passou chamar-se depois IAENE, Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. Isto já era 1980. Começamos do zero, mas foi uma experiência marcante. Foi duro. Eu não desejo a nenhum inimigo meu passar por uma experiência daquela. Mas eu agradeço por ter passado por essa experiência, porque foi muito marcante na minha vida e muito proveitosa também, essa experiência.

No colégio eu comecei sendo Contador, mas logo me deram algumas disciplinas pra eu ensinar. Por exemplo: a primeira disciplina que eu fui ensinar foi no 1º grau, Técnicas Comerciais. Por não ter nenhum professor de Educação Física aqui na região e como eu era monitor de Educação Física quando servi o Tiro de Guerra em Vitória da Conquista, eu sabia aquelas séries básicas e fui ensinar também essa matéria aqui na escola.

Daí em diante, nós resolvemos, eu e o diretor resolvemos criar um curso de contabilidade no nível de 2º grau. Um curso técnico de contabilidade. Foi outra experiência enorme. Criamos o curso e eu tive que bancar o curso. Eu era o professor de todas as disciplinas de contabilidade. Tinha alguns outros professores, mas professores de Português, de Matemática, de Princípio de Economia, Administração, mas Contabilidade era eu o professor. Aí eu fui ensinar: Contabilidade Geral, Contabilidade Comercial, Contabilidade Industrial, Contabilidade de Custos, Contabilidade Pública, Análises de Balanços. Todas as disciplinas de contabilidade eu fui ensinar. Isso me deu uma experiência enorme na área do ensino da contabilidade.

Quando foi em 1988 e 1989, surgiu na Universidade Estadual de Feira de Santana concurso pra Professor de Contabilidade. Eu fiz três concursos lá: fiz o primeiro passei em 2º lugar, tinha três vagas, mas o concurso foi anulado por uma questão de um erro que cometeram; fiz o segundo, fiquei em 3º lugar, mas só tinham duas vagas, então eu não entrei; aí fiz o terceiro concurso, já em 1989, aí fui aprovado em 1º lugar. Então entrei como professor da Universidade de Feira de Santana, a UEFES.

Aqui (no IAENE), durante o período que eu fui professor fundamos o curso de Contabilidade. Como eu não tinha licenciatura, logo percebi que eu precisava fazer alguma licenciatura, e alguma das

coisas que eu gostaria de fazer era Letras, então eu fiz vestibular para Letras em Feira de Santana, em 1985 e passei. Ensinava aqui, fazia Letras lá.

Em 1990, eu achei por bem sair do IAENE. Veja! Eu me formei em 1978 e tinha trabalhado com contabilidade fora da organização adventista, mas eu não tinha experiência profunda com trabalho de contabilidade, de empresas. E, com o ensino da contabilidade tanto no 2º grau, quanto na Universidade de Feira, eu sentia essa necessidade. Então eu saí do IAENE, fui morar em Salvador, mesmo assim vindo pra Feira dar aulas e lá eu fui trabalhar em empresas. Logo depois montei um escritório de contabilidade pra ter uma experiência mais profunda com várias empresas e essa experiência eu tive. Foi nesse momento que eu fiz o curso de pós-graduação na Universidade Federal da Bahia - UFBA e melhorou bastante. Logo depois que eu terminei esse curso, surgiu na Cairú um curso de Mestrado em Contabilidade. Eu também me inscrevi, fiz o concurso, fui aprovado e fiz o curso de Mestrado ali. Na época, quando ele foi reconhecido ele ficou como o melhor do Brasil.

Quando foi em 1999, surgiu no IAENE a Faculdade de Administração, e me convidaram pra ensinar e eu passei a ensinar na FAAD, Faculdade Adventista de Administração. Ensinei de 1999 até 2004, voltando novamente, quando me convidaram em 2007 e estou até hoje ensinando aí as matérias de Contabilidade Básica e Contabilidade Gerencial.

Atualmente eu ensino na FAAD, como já disse. Lá em Salvador eu consegui uma transferência da UEFS para a UNEB (Universidade Estadual da Bahia) em Salvador, no Cabula e em 2000, depois que eu concluí o meu Mestrado, consegui uma vaga também na Fundação Visconde de Cairú, onde trabalho até hoje.

Deixei o escritório de contabilidade e fui trabalhar só na área acadêmica, mas quando surge algum serviço de consultoria eu ainda faço nas empresas pra não perder o fio da meada. E assim foi a minha trajetória.